



# A Illustração Portuguesa

## SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; G. Castello Branco; G. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Baldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

### SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Azulay;—*Os bancos e a circulação fiduciaria*, por Alberto Telles;—*Cincoenta e tres annos de parlamentarismo em Portugal*, (continuação), por Pinheiro Chagas;—*A bella de cabellos brancos*, conto, por René Maizeroy;—*Ballada das estrellas*, conto, por Eugenio de Castro;—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato;—*As nossas gravuras*;—*Reminiscencias historicas (Os reinados mais longos na Europa)*, por Castor;—*Um conselho por semana*:—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*O lunch*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*O novo principe da Bulgaria*;—*General Boulanger*;—*Irmã da caridade*;—*Moldas*;—*Folhetos da infancia*.

### CHRONICA

O calor implacavel continua a fustigar-nos desapiadadamente, como se Portugal se tivesse mudado subitamente para a zona torrida.

E ainda ha espiritos maglinos falando por boccas de astrônomos, que predizem para breve o arrefecimento do globo!

E' verdade que aquelle «para breve» encerra a insignificancia de trezentos seculos.

Não devemos desanimar por tão pouco.

Ha tempo (graças ao Altissimo) de ir a Paris, ver a exposição de 89; ha tempo de ir a Cintra, beber agua da fonte da Sabuga, agua sem calca-



O NOVO PRINCIPE DA BULGARIA

res—o que, no dizer do venerabilissimo doutor Vinader, de Madrid, prolonga a vida; ha tempo de ver o entreposto de Lisboa, acabado e maravilhando o mundo; ha tempo de ler os cincoenta mil fasciculos da Historia da Luzitania e da Iberia; ha tempo de ver a transformação horticula dos partidos politicos nacionaes; e bem assim, a transformação radical do namoro, do querido namoro portuguez, passando as auctoridades a fugir com as rapaiigas, como fez o administrador de um dos bairros do Porto, e ficando a cargo dos namorados o vigiar pela honestidade das familias.

\*

Ainda o camartello demolidor vibrava no ar abafado d'esta Lisboa adorada as suas pancadas de morte, sobre a carcassa do Colyseu e do theatro dos Recreios ou os «summergadens de Lisboa» como primitivamente foram denominados por John Bull Whittoyne, e já o Santos e o Macieira, ambos afogueados, ambos com o chapéo alto dos grandes acontecimentos e a sobrecasca concomitante, furavam em todos os sentidos, emitindo obrigações para os novos circos, os quaes, como a phenix da lenda, vão renascer das proprias cinzas.

As nossas *tenebreuses*, coitadinhas, não tendo o seu *fauteuil* no circo, passam afflictas a primeira metade da noite nas cadeiras da *Gran-via* lisbonense. Consta até que adoptaram por divisa a lamentação com que o sr. Marçal Pacheco fechou, na segunda feira passada, o seu discurso:—*Sunt lacrimae rerum*.

\*

As surpresas que os nossos empresarios, desde o poeta Francisco Palha, até ao lyrico Valdez, nos preparam, são consideraveis.

Palha, nem por sombras pensa, este anno, em dar ao publico... a materia representada pelo seu appellido. Não senhor. Elle ha escogitado e apurado e contratado tanta gente, que não cabe com certeza na caixa da Trindade.

Do mesmo modo que o sr. Barjona de Freitas, Palha quiz metter sangue novo na sua companhia. E foi mais longe: fez um verdadeiro cruzamento de sangue—artistas portuguezes e hespanhoes, á mistura.

Eis o que perdeu o sr. Barjona: a falta de cruzamento.

Do outro lado... da arte, *il nostro simpatico* Valdez escripturou os Andrades.

Podem s exclamar como o Taborda: O momento é solemne!

Dois Andrades d'uma assentada no theatro lyrico, dois Andrades de carne e osso, portuguezinhos de lei! E' para nos babarmos d'alegria.

Com que orgulho não *miramos ahora a la España*, que nos açoitava com o seu Gayarre!

Quanto ao estrangeiro, terão os francezes que emendar a lingua e não dizer mais: o paiz do céu azul; e os inglezes recolherão o seu desdem, deixando de nos chamar simplesmente: o paiz das laranjas!

Por isso:—que todos, n'esta praia lusitana, cumpram o seu dever!

E o que vem a ser—o dever, n'estas alturas?

E' comprar um formoso *bouquet*, entrar com elle á vista, no theatro; dignar-se mesmo dizer aos amigos, que custou duas carinhas (isto dará mais valor ao ramo); e no momento critico, nas bochechas dos inglezes e francezes da embaixada e do... Baron, arremessal-o com um enthusiasmo digno, levantado e patriotico, para o palco.

Isto é tão simples!

A' parte as duas carinhas...

\*

Duas imponentes pedras no edificio da economia politica, acabam de ser collocadas.

Uma, é a abertura do museu industrial e commercial de Lisboa na Casa Pia.

E' novo no nosso acanhado meio social, esta maneira nova de expor.

Em exposições industriaes e commerciaes, estavamos todos costumados ás das *vitrines* da Baixa: e foi com uma profunda sensação que o indigena vio a exposição permanente de uma companhia agricola na ala direita do mercado «24 de Julho» á Ribeira Nova.

O illustre ministro das obras publicas, com a facilidade dos gordos, nutre grandes esperanças no futuro do museu por elle inaugurado. Quando, porém, elle não servisse senão pela parte esthetica, para ensinar os caixeiros, como é que se enche uma *vitrine*, já se tinha avançado alguma cousa.

Estamos porém convencidos de que o resultado será na realidade bom, quando outros factores similares concorrerem para o desenvolvimento das artes industriaes em toda a sua plenitude e do commercio em toda a sua grandeza.

Não será então só um museu que se hade abrir; serão muitos, perfeitamente heterogeneos, como o requer uma nação que parece destinada, por certos symptomas de laboração interna, a reassumir o seu antigo esplendor.

N'um seculo, modifica-se extraordinariamente a face politico-economica do mundo. Quem pode suppor o que será Portugal, de hoje a cem annos?

A sciencia diz-nos que a morte está para o norte da Europa, e a vida para o sul. Os povos do norte, prevenido a lenta invásão dos gelos, procuram tomar pé, nas vastas solidões inexploradas que se abrem em frente da Europa. Encontram ahi trinta milhões de kilometros quadrados de paizes virgens, onde toda a Europa se pode despejar tres vezes. Esse monstro territorial—é a Africa.

Um pouco mais longe, mas tambem perto de nós, na nossa frente, o corte do isthmo do Panamá vae abrir-nos os mercados de todos os povos neo-latinos, diminuindo a estrada maritima, tão perigosa pelo antigo cabo Horn, em mais de tres mil e quinhentas leguas.

A revolução commercial e industrial que este facto vae produzir, é incalculavel. Mais de oito milhões de toneladas de mercadorias, passarão no primeiro anno o canal. Muitas casas commerciaes, das mais importantes, teem ha dois annos as suas operações quasi paralyzadas, á espera da abertura do canal á navegação. Estão, por assim dizer, de arma ao hombro, á espera da grande batalha que vae inaugurar uma nova época, como succedeu com a abertura do canal de Suez.

\*

Só nos resta espaço para saudar o prolongamento da via ferrea occidental até ás Caldas e a Leiria.

Como é bello o progresso!

E ainda ha sujeitos que dizem que as carruagens não prestam! Queriam talvez *sleeping cars*!

Mas o nosso indigena é assim. Não ha caminho de ferro, e elle deita a lingua de fóra, a suar por essas essas estradas, cheio de poeira, derreado, tendo como unica consolação no horisonte, o classico peixe frito da estalagem, deliciosa de sombra, de pittoresco e de movimento sob o ponto de vista artistico, mas horrorosa, encarada sob o criterio severo do *honorable* burguez e do solemne burocrata.

Dão-lhe caminhos de ferro catitas, e elle cospe desdenhosamente, com um grande ar.

Mas no fundo, o que elle desejaria, é que houvesse rodos os dias—viagens a preços reduzidos.

AZULAY.

## OS BANCOS E A CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA

Vicente Machado de Faria e Maia, meu patricio, amigo e contemporaneo da Universidade, publicou ha annos um romance historico em dois volumes, de facil e interessante leitura—Os CAVALLEIROS DE AFRICA—e um livrinho sobre a PROPRIEDADE LITTERARIA, collecção de excellentes artigos do Instituto de Coimbra, que foram muito apreciados. Ultimamente deu á estampa em Ponta Delgada um volume pequeno com este titulo: Os BANCOS E A CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA.

Vicente Machado, como se vé, dá curtas ferias á sua penna, e com esses delicados labores é que elle sempre até agora tem repousado das fadigas da sua vida publica, e de outras, não menos uteis, da agricultura. O assumpto do seu ultimo livro é pálpitante de actualidade, e desperta naturalmente a attenção da imprensa. Nem são entre nós tão numerosos os trabalhadores assíduos e devotados das sciencias e das letras que elle não mereça, por justo titulo, a *mencão honrosa* da perpetua exposição universal do producto de todas as intelligencias.

O volume dos BANCOS tem sómente 186 paginas pequenas; mas esta producção espirital, embora seja tambem mercadoria, não se mede a palmos—seja dito sem offensa das grandes obras em dez, vinte e trinta grossos volumes, sempre respeitaveis porque ninguem as lê, no dizer espirituoso de Affonso Karr!

A materia dos BANCOS está distribuida por dez capitulos, antecedidos de uma breve, mas bem elaborada introdução:—«Missão social dos bancos—Crises commerciaes e bancarias—As notas e a reserva metallica—Bancos da Inglaterra e da Escossia,—Bancos dos Estados-Unidos—Bancos prediaes, garantias bancarias, letras pagas com mercadorias—Resumo da historia da legislação fiduciaria de Portugal—Analyse da obra A CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA do sr. Oliveira Martins.»

Na *Introdução* o auctor faz sentir a grave importancia do assumpto que lhe mereceu preferencia, observando que todos os interesses mais vitaes da sociedade carecem de uma boa organização do credito publico que lhes sirva de apoio, e que os esconde no meio das constantes vicissitudes da vida do nosso seculo. E com toda a razão affirma que «em epoca nenhuma, e em lugar algum se tem tornado mais notoria a necessidade de uma boa organização bancaria do que na actualidade e no nosso paiz.»

Comparando o estado actual da nossa decadente agricultura com o que esta foi em outras eras, o meu illustrado amigo mostra bem que os males provenientes de doenças dos vegetaes se estão cada dia aggravando com a enorme concorrência dos productos magnificos da America que ameaçam invadir os nossos mercados, creando novos e mais serios obstaculos.

Pondo e n relevo a situação embaraçosa dos homens que trabalham em face dos capitaes, e da difficuldade que houve sempre em obtel-os, e não se limitando tão pouco ao meio em que vive, o auctor dos Bancos alonga a vista para o continente, para a Madeira, e formula nitidamente estas interrogações:—«N'esta quadra de crise intensa no Douro, no Minho, na Extremadura, na Madeira, nos Açores, em quasi todas as terras de Portugal, ha uma legislação que facilite obter por meios faceis, seguros, economicos os capitaes, de que tanto se carece?—Porventura, os proprietarios de laranjaes nos Açores, de vinhedos na Madeira, no Douro, no Minho, na Extremadura, em tantas outras partes de Portugal, podem facilmente alcançar, por juros modicos, os capitaes indispensaveis para substituir as antigas producções por outras diversas, que prosperem e que lhes restituam a sua antiga riqueza?»

A resposta é negativa: é mau o nosso systema bancario, e para ser havido por tal bastará recordar as operações que os bancos devem fazer para desempenhar a sua missão. Eis o assumpto d'este esmerado trabalho sobre os bancos. Se a sua oportunidade é grande, como ninguem contestará, não o é menos a sua utilidade.

A vulgarisação d'essas idéas, adquiridas em longas horas de estudo e de meditação, é certamente um bom serviço; mas a parte do livro que porventura tem mais novidade, e por isso mais interesse para os leitores, é a analyse da obra do sr. Oliveira Martins sobre a circulação fiduciaria.

Vicente Machado oppõe argumento a argumento, *without discursiveness*, de modo preciso e claro. Por ser breve, ainda melhor se revela quando é refletida a sua analyse. Vendo quanto algumas idéas d'aquelle escriptor eram contrarias ás suas, confronta umas com outras, e as suas respostas são sempre incisivas.

Damos alguns exemplos:

Sustenta o sr. Oliveira Martins que, se as notas do banco tem

de representar apenas o seu equivalente em mercadoria metalleca, as reservas bancarias tem de representar valor igual ao da emissão,—e n'este caso não ha, nem póde haver, a proclamada economia resultante da fructificação d'esses valores.

A isto responde o meu amigo Vicente Machado que a nota na verdade representa moeda, mas é uma promessa de pagar por ella certa quantia, sem todavia affirmar que esta existe em cofre do estabelecimento que a emmittiu.

Proseguindo na mesma ordem de idéas, pergunta o sr. Oliveira Martins:—«Se uma nota é um warrant, se é fraudulento que o pertence falle de sacas de algodão que não existam nos armazens da alfandega, como deixará de ser fraudulenta a nota que falle de um ouro que não existe nas caixas do banco?!...» — Pois não é assim, contesta o auctor dos Bancos. O warrant será um papel de credito, mas não é uma nota. São mui diversas a natureza de um e de outra; n'aquelle affirma-se que existem certas mercadorias em determinados armazens; n'esta faz-se apenas a promessa de pagamento a dinheiro, sem que o portador tenha que ver cousa alguma com o lugar em que elle está depositado. Póde unicamente exigir o valor que representa a nota, entre a qual e os outros papeis de credito não ha completa identidade.

Tambem, contrariamente ao sr. Oliveira Martins, o distincto escriptor michaelense não attribue a crise bancaria de 1876 ao systema de liberdade dos bancos ou, melhor direi, ao seu regimen semi-liberal. Então se disse, e é certo, como consta do relatório do Banco de Portugal, que as causas da crise foram a má situação do commercio com o Brazil, a deficiencia das colleitas e, mormente, as perdas avultadas no jogo de fundos hespanhoes, que, assumindo em Lisboa e Porto desastrosas proporções, ameaçava soverter os bancos n'essa voragem. Mas, que a crise se originasse da liberdade—eis o que Vicente Machado nega, a meu ver, com solidos fundamentos.—«As especulações arriscadas em que os bancos de Portugal se lançaram—diz elle—podiam tambem attrahir um banco que existisse só no paiz.» E cita o exem, lo de 1846, em que os empréstimos excessivos do Banco de Lisboa ao governo tiveram por ultimo resultado o decreto de 14 de novembro d'aquelle anno, que condemnava a degedo e multa de cincoenta a quinhentos mil réis quem não recebesse as notas pelo seu valor nominal. E para se justificar da suspensão do pagamento das notas e do curso forçado d'ellas, o mesmo governo declarou que devia mais ao Banco do que este precisava para pagar as suas notas. A tamanhos excessos levam, por um lado, o systema protector, e, por outro, as operações arriscadas!

Com essas causas immediatas prendem-se outras geraes que vem apontadas com muito bom senso por Vicente Machado:—«Os vicios da nossa sociedade, os velhos habitos que parte d'ella cantraiu de viver pelo jogo, na incuria e na indolencia, e que não póde perder de um momento para outro, é que levam muita gente para as empresas arriscadas, que enriquecem com pouco trabalho ou que arruinam com grande rapidez.»—Muitas pessoas se hão de reconhecer n'estas palavras como n'um espelho!

E á semelhança das operas allemãs, cuja forte unidade faz muitas vezes que se repitam no final da partitura os motivos principaes da introdução, encontra-se quasi na ultima pagina d'este livro o pensamento da primeira. Pois diz o auctor, e diz bem, que as questões sociaes, politicas e economicas estão todas subordinadas á da organização bancaria. Não ha melhoramento que não seja dependente das leis que regem o credito, e a sua boa organização ha de ainda abrir para nós uma era de prosperidade.

A: BERTO TELLES.

## Cincoenta e tres annos de parlamentarismo em Portugal

II

As côrtes eleitas em 1834 foram dissolvidas, e procedeu-se á eleição de outras côrtes, que nem chegaram a reunir-se, por ter rebentado a revolução de setembro. Foi no dia 9 que a revolução se fez, e foi no dia 10 que se mandou pôr em vigor, provisoriamente, a constituição de 1822, ordenando-se ao mesmo tempo que se elegessem côrtes extraordinarias, e constituintes que reformassem a côrte. Essas côrtes, eleitas a 20 de novembro, reuniram-se no dia 13 de janeiro de 1837.

Entretanto houvera a «belemzada» e o mallogro da «belemzada», restabeleceram-se a Carta, tornára-se a destruir a Carta, matára-se por causa d'isso Agostinho José Freire, etc. Ha uma curiosa anedocta, que mostra bem quaes as convicções com que se luctava n'esse tempo.

Uma das grandes dissidencias que então se levantaram não

já entre o partido conservador e o progressista, mas entre os progressistas moderados e os radicais era a questão das duas camaras. Estes ultimos, segundo a tradição jacobina de 1820, queriam a camara unica, os outros queriam as duas camaras, embora ambas fossem electivas e temporarias.

N'um d'aquelles motins em que os mais exaltados accusavam os que governavam, embora septembristas, de moderantismo, dizia-se nas fileiras de um dos batalhões mais ardentes, que se preparava a investir contra o governo:

—E consideram-se progressistas, esses homens que querem duas camaras!

Ah! querem duas camaras! bradava um patriota furioso, atirando para traz a barretina, e mordendo o cartuxo: ah! querem duas camaras! Pois não hão de ter nem uma!

—Era pois para satisfazer aspirações tão fundamentadas que se reuniam a 18 de janeiro de 1837 as côrtes constituintes. Reunidas em junta preparatoria, verificaram os poderes dos seus membros, participaram á rainha que se achavam constituídas, e só então é que a rainha veiu ler o discurso da corôa.

Essa participação foi feita no dia 25 de janeiro, depois da camara ter ido ouvir a missa do Espirito Santo. Prestára-se o juramento, que se determinára na vespera que tivesse a seguinte formula:

«Juro desempenhar bem e fielmente, segundo a minha consciencia, os deveres de deputado ás côrtes geraes, extraordinarias e constituintes da nação portugueza, na forma dos poderes conferidos pela mesma nação nos actos de eleição a seus representantes juntos em côrtes.»

Logo no dia 27 se elegeu a commissão que devia dar parecer acerca da reforma do pacto constitucional, commissão que ficou composta dos deputados Leonel Tavares, José Liberato, Manuel de Castro Pereira, Derramado, Julio Gomes da Silva Sanches, barão da Ribeira da Sabrosa e conde da Taipá. Essa commissão apresentou o seu parecer na sessão de 6 de março, parecer que principiou a discutir-se no dia 5 de abril.

Antes d'isso tivera a camara que resolver uma questão importante e interessante.

Os deputados José Ferreira Pestana, Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque e Jarvis de Athouguia, eleitos pela Madeira, declararam, firme e categoricamente, que renunciavam o seu mandato, não querendo ser perjuros, e não querendo tomar parte em actos que consideravam irregularmente praticados. Diziam todos tres que não teriam duvida em prestar juramento a uma constituição que fosse feita pelas côrtes, e em substituir por esse juramento aquelle que tinham feito á Carta, mas não se julgavam obrigados a obedecer a governos de facto, nem a prestar juramento a uma constituição provisoria, arbitrariamente mandada pôr em execução. Jarvis de Athouguia acompanhara o seu officio com uma copia da declaração que fizera logo no dia 3 de outubro de 1836, na sua qualidade de lente da Academia Real de Marinha. A declaração era a seguinte:

«Declaro que não praticarei acto algum do meu emprego de lente de 1.º anno da Academia Real de Marinha, emquanto por desgraça e vergonha de Portugal reger o governo de facto que hoje o domina com as instituições imaginarias que proclamou.

«Desejo que esta declaração seja lançada no livro das actas da congregação dos lentes da Academia Real de Marinha, da qual tenho a honra de ser membro.»

Como os caracteres mudaram! como diminuiu a rizeja da sua tempera! como parecia natural e corrente, em 1837, fazer-se o que em 1887 o mais intrepido e o mais honesto não seria capaz de fazer? E Jarvis de Athouguia não era nenhum heróe, mas não hesitara em sujeitar-se a novas e mais terriveis perseguições, não hesitara em atirar pela janella fóra o seu pão, para cumprir singularmente um dever de consciencia.

Não foi cincoenta annos depois, mas apenas trinta e tres annos depois, o duque de Saldanha atirava, á testa de um punhado de homens, um governo a terra, proclamava um regimen que indignava toda a gente, e não houve um só funcionario que imitasse, de longe sequer, o que fazia tão singelamente Jarvis de Athouguia.

Depois de larga discussão foram acceites as renuncias d'esses tres deputados, e foram chamados os substitutos, visto que se procedera as eleições em conformidade com as prescripções de 1822.

A sessão foi enorme, as côrtes estiveram reunidas effectiva e successivamente desde 18 de janeiro de 1837 até 4 de abril de 1838, quer dizer mais de 14 mezes.

Teve essa camara 351 sessões, e foram seus presidentes Anselmo José Braamcamp (não o que foi chefe depois do partido progressista, mas seu pae), Antonio Dias de Oliveira, José Alexandre de Campos, Macario de Castro, e José Caetano de Campos.

Emquanto estas côrtes estiveram reunidas, ardia o reino em guerra civil, rebentou a revolta dos marechaes, e o partido miguelista, levantando a cabeça e organisando guerrilhas, perturbou profundamente a paz publica.

As camaras votaram successivamente leis de suspensão de garantias, primeiro só no Algarve, por causa do Remechido, depois em todo o reino, por causa da revolta dos marechaes.

Estavam tão accesos os animos, e eram tão violentos, como

são sempre os deputados radicais, que a 24 de agosto de 1837 foi votada a seguinte lei pelo congresso constituinte:

«Artigo 1.º—Pelos poderes extraordinarios e discricionarios concedidos ao governo pela lei de 14 de julho proximo passado, e prorogados pela lei de 13 de agosto do corrente anno, «está o governo authorisado para demittir sem processo nem sentença os officiaes do exercito de qualquer graduação, e os juizes inamoviveis, que tomaram ou vierem a tomar parte na rebelião.»

«Art. 2.º—Fica por este modo declarada a lei de 14 de julho proximo passado prorogada pela lei de 13 de agosto do corrente anno.»

Compunham a meza e assignaram esta lei, que é o cumulo da arbitrariedade, o presidente Macario de Castro e os secretarios Custodio Rebello de Carvalho e Fernando Maria do Prado Pereira.

O leitor ingenuo espantar-se-ha de que o congresso constituinte de 1837, o congresso que redigiu a constituição de 1838, tivesse votado uma lei como esta, lei essencialmente violenta e despotica, de um despotismo estulto, de uma tyrannia revoltante. E' porque o leitor ingenuo imagina que *avancado* e *radical* são synonymos de *liberal*. Entretanto, lendo a historia contemporanea com attenção e cuidado, verá que é exactamente o contrario. Se quizessemos fazer politica, nós lhe dariamos exemplos frisantes.

A rainha, levada a isso provavelmente pelos seus conselheiros de Estado e pelos proprios ministros que não eram já dos mais radicais, revoltou-se contra esta lei, e resolveu negar-lhe a sua sancção, caso rarissimo na historia constitucional portugueza. Como a constituição provisoriamente vigente lhe dava o *veto* suspensivo, obrigando-a dar as razões da recusa da sancção, a 4 de outubro apparecia nas côrtes um officio assignado por todo o ministerio, e acompanhando os devolvidos autographos, com as observações, que eram as seguintes sensatissimas:

«O projecto de lei que se offerece á minha real sancção, tendo sido apresentado em 28 de agosto, e havendo eu n'este intervallo estado impedido, por grande molestia, de tomar conhecimento dos negocios publicos, é fóra de duvida que os dias d'este impedimento não devem ser contados nos trinta, que o artigo 111 da Constituição estabelece, e por conseguinte ainda estou dentro do prazo que a mesma Constituição e artigo 111 me concedeu para meditar sobre objecto tão importante como a sancção de uma lei.

«Este projecto de lei destruiria, se fosse sancionado, os principios estabelecidos na Constituição e nas leis organicas em perfeito vigor, e que em todos os tempos devem ser respeitados.

Se em casos extraordinarios se precisam remedios extraordinarios, esses remedios não devem estender a sua influencia além do rigorosamente preciso para remediar esses casos.

«A influencia da lei actual, como exemplo de uma violação das garantias da Constituição se estenderia a todas as idades. As circumstancias d'aquelle momento eram justamente as mais improprias para a sancção de medidas d'esta natureza, porque davam á lei o character de uma sentença e não de uma lei!

Sendo eu a primeira guarda das garantias individuaes, consagradas na Constituição e nas leis organicas do Estado, as quaes garantias são para todos os Portuguezes, e para todos os tempos, repugnava ao meu coração acceder a uma lei, que me parece oppôr-se a ellas e a estabelecer um precedente de terrivel influencia. As côrtes tinham já recebido provas de que podiam repousar sobre a lealdade e vigilancia do meu governo, no que trata a conferir ou a retirar as commissões, com que o governo reveste os agentes necessarios á sua acção; e esta faculdade, junta a outras, com que as côrtes já tinham armado o mesmo governo, tornava escusada a que lhe era conferida pela presente lei.

Os factos acabam de justificar este meu pensamento: o paiz está pacificado. Como meio de obter este fim, mais que claro, já não é necessaria a lei; como meio de justiça, tambem a sua nenhuma utilidade é manifesta, á vista da maneira porque terminou a lucta, por meio de uma convenção que o meu governo deve religiosamente executar, e na qual esta reconhecido pelos mesmos insurgentes ao governo o direito de não conservar aos seus chefes os postos legalmente adquiridos—*Rainha*—Palacio das Necessidades, 30 de setembro de 1837.»

Se a rainha não toma a peito defender a causa da liberdade, os liberaes de 1837 faziam coisa muito peor do que a que estão fazendo agora os conservadores inglezes; este *bill coercivo* era muito peor do que o da Irlanda.

PINHEIRO CHAGAS.

## A BELLA DE CABELLOS BRANCOS

... Linda, com olhos glaucos, profundos e doces como car-  
tos ceos do outomno, á hora do crepusculo, quando ao longo das  
estradas rodam carros cheios de uvas, e volteiam no ar, picado



GENERAL BOULANGER

de moscardos, as primeiras folhas mortas; maravilhosa sobre tudo pelas suas delicadas flexibilidades, pelo seu pescoço ondulante, pelo signal que tinha perto de uma fonte, loiro como os seus finos cabellos, pela sua boca acerejada, pequenina, tão subtil e appetecivel, pelas suas mãos eguaes ás mãos de rainha ou de santa, mas demasiado innocente,—existem ainda meninas que desconhecem os enigmas da vida e que, ignorantes das tentações, se reservam para aquelle que hão de amar,—e muito pobre para achar um marido.

E a familia, que luctava, dia a dia, contra o destino inclemente, recorrendo a todos os tristes expedientes da pobreza para se manter em uma posição apresentavel, nutria-se, contemplando-a, de chimericas esperanças, e confiava no futuro, aguardando o casamento da filha.

O dono da casa era professor de mathematicas em um collegio de Auteuil.

A mulher tinha sido preceptora em Bordeus.

Saindo do palacio do marquez de Pontaurac com um dote e um filho, casou com o sr. Ludovico Boudéle, o qual não perdeu por esse facto, aliás ignorado, a estima da sua rua, certas entradas de favor e alguns convites para bailes officiaes.

Foi no ministerio do commercio que Jacquellina encontrou o sr. de Servance.

Instinctivamente, experimentou, ao vel-o, uma repulsão, como se houvesse acotovelado, á porta de uma igreja, um mendigo leproso.

Servance era medonhamente feio; parecia uma d'essas mascaradas tragicas usadas pelos antigos histriões, com os labios torcidos, o nariz recurvado como um bico de mocho, os olhos piscos, arrepanhados, como que comidos até as pestanas por uma incuravel lepra.

Servance rodou em torno de Jacquellina, e encarou-a com tanta insistencia que a fez estremecer desde a nuca até aos calcanares, por tal forma que a pobre rapariga desejou fugir, agarrando-se ao braço do primeiro homem que passasse.

Jacquellina não esquecerá essa appareição, evadida de algum lubrico Sabbat, quando, achando-se a banhos em uma praia, a tornou a ver, mais aterradora, obstinada e implacavel do que nunca.

O monstro cubicava a, amava-a, queria-a, escolhera-a para sua presa.

Soubera que ella era pobre. Adivinhara os sonhos cupidos do casal que se alojava no antro onde vivia a pobre menina.

E como o Satyro perdera a conta dos seus milhões, como não desejara nunca com tanta violencia essa cousa immaculada, divina, branca e rosada, que é uma virgem de desoito annos, como estava ebrio d'amor, pediu-a logo em casamento ao sr. Boudéle.

Este não hesitou um segundo, nem mesmo consultou Jacquellina, não pensou um instante na acção infame que ia commetter, friamente.

Acolheu o pretendente, como um bemfeitor, adulou-o como um rei.

Jacquellina caiu sem sentidos, quando sua mãe lhe annunciou esse mercado.

Mas tanto a torturaram, durante semanas consecutivas, com odiosas ameaças, tão desesperadamente a imploraram, taes supplicas lhe dirigiram, que ella acabou por submeter-se a essa condemnação, peor do que as galés.

Casaram pois na igreja da aldeia.

Servance teve medo dos motejos implacaveis da multidão, dos risos da rua, d'essas palavras cruéis que ressaltam das pedras de Paris e salpicam de lama até ao intimo do coração.

A desgraçada lançou um grito de angustia, concentrado e dilacerante, quando o vio fechar a porta do quarto, baixar a luz do candieiro e approximar-se d'ella, tremulo e offegante.

Não era pois um pezadêlo, uma d'essas allucinações que despedaçam os membros e inundam a pelle de um suor gelado.

Ella pertencia-lhe.

Elle ia enlaçar-a nos seus braços, macular-lhe a bôca com os seus labios viscosos.

Jacquellina fechou os olhos, recuou machinalmente até á extremidade do leito, interçada como se estivesse estendida sobre uma camada de neve.

E de repente, quando elle deu mais dois passos, procurando-a com as suas mãos crispadas, queimando-a com o seu halito febril, Jacquellina saltou da cama, correu á roda do quarto, derrubando os trastes, batendo com a cabeça pelas paredes, rasgando a carne em todos os angulos, esfarrapando a sua camisa de cambraia de linho.

O homem perseguia-a com um furor bestial, caindo, levantando-se, suffocando, balbuciando insultos entrecortados, phrases sem nexo, vedando-lhe a saida com os punhos cerrados, em um gesto de jogador de sôco.

E esse cheiro quente de mulher, que se espalhava no ar, essa nudez entrevista a espaços, esse sangue que punha nodos vermelhas na alvura lirial do busto e das pernas, fustigavam o seu desejo, excitavam-o, faziam-lhe perder a cabeça.

Por fim, conseguiu apoderar-se dos pulsos de Jacquellina; luctaram, rolaram no tapete como dois animaes ferozes, morderam-

se, arranharam-se, lamentando-se com fundos soluços e sinistros clamores.

Servance, na qualidade de forte, venceu, possuindo-a desfallecida, manchando-a, demoradamente, com as suas caricias, com impudores de velho desvairado.

Jacquellina não fez um movimento, não entreabriu os labios sellados um ao outro, não levantou as palpebras descidas.

Tornara-se um manequim de carne, uma cousa inerte, gelada, sem vibrações, sem apparencia de vida.

Servance adormeceu ao romper da manhã, e Jacquellina, fitando-se no espelho do quarto, não se reconheceu.

Os seus cabellos, os seus formosos cabellos loiros, finos como a seda, resplandecentes como o cobre, tinham embranquecido n'essa tragica noite de nupcias.

Algumas vezes, encontral-a-hão, das cinco ás seis, na avenida das Acacias, sózinha no fundo do seu coupé, e ao aspecto d'essa fronte radiante, d'esse claro olhar, d'esses olhos tão suaves, tão attraentes, d'essa *silhouette* flexivel e d'essa cutis rosada e fresca, imagina a gente que ella teve o capricho de copiar algum pastel do seculo passado, algum retrato de marquez, de tons adoraveis, e que por esse motivo poivilhou o cabello.

Servance endoudeceu.

Adorava a mulher, e a idéa fixa de que ella o detestava, de que o considerava um ente odioso e abjecto, de que nem uma só vez teria a caridade de lhe conceder a esmola de um olhar, de um beijo, esvaiu-lhe o craneo.

Quem ousará lastimal-o?

RENÉ MAIZEROT.

## BALLADA DAS ESTRELLAS

Meu querido Casimiro Dantas.

Remexendo alguns papeis velhos, encontrei hontem esse conto, escripto por mim ha perto de cinco annos. Envio-lh'o conforme o encontrei, junctamente com os versos que extrahi d'elle e que foram publicados em 1885, no meu poemeto «Jesus de Nazareth.»

Abraça-o com muita sympathia o seu amigo,

EUGENIO DE CASTRO

Coimbra, 2 de agosto de 1887.

## AS ESTRELLAS

*Sinite parvulos ad me venire ..*

Rodeado de loiros pequeninos  
De olhar travesso e faces setinosas,  
Jesus fita os espaços crystallinos  
Por onde passam nuvens silenciosas.

Ao longo das campinas socegadas  
Vai deslisando o rio alvinitente,  
Onde as tristes gazellas maceradas  
Vão mergulhar seu corpo, mansamente.

Os lirios vergam ao passar da brisa  
Que lhes estiola as urnas melindrosas,  
É a gôtta do sereno crystallisa  
No calice purissimo das rosas...

«Quem fez a terra?—disse a mais velhita,  
Entre o grupo das timidas creanças,—  
«Quem é que fez a abobada infinita  
«É o lirio virginal e as pombas mansas?»

«Foi Deus, o Ser Eterno, ó minha filha,  
—Respondeu, melancholico, Jesus,—  
«Esse que fez a terra e a maravilha,  
«A maravilha que se chama—luz.

«Mas se ha um Deus que é todo piedade  
—Disse a creança, a esbelta cotovia,—  
«Porque existem creanças na orphandade,  
«Sem berço e sem o pão de cada dia?

O Nazareno disse immerso em luz:  
«São as ordens do mundo, ó flor trementel!»



IRMÃ DA CARIDADE

E nas lividas faces de Jesus  
Oscillou branca lagrima pendente.

Tomando uma suavissima postura  
E ageitando co' a mão as tranças bellas,  
A suave creança honesta e pura  
Interrogou Jesus sobre as estrellas.

Elle então, com a fronte desbotada  
E os olhos na planicie divagando,  
Contou esta lindissima ballada  
Ao loiro grupo diamantino e brando:

«Deus do pranto que as mães compadecidas  
«Vertem, chorando a sua negra sorte.  
«Quando os filhos sem côr,—aves perdidas,—  
«Dormem o somno funebre da morte,  
«Fez os astros da noite, ao que parece,  
«Alampadas de luz phosphorecente  
«Que os proprios filhos vão, timidamente,  
«Iluminar no azul quando anoitece.»

Emquanto as outras dormem, mansamente,  
Essa creança pallida e franzina  
Ergueu a sua fronte pequenina  
Ao azul glorioso e transparente.

Ella, que ouvira a lenda encantadôra,  
Essa lenda gentil e tão graciosa,

Lembrou-se então d'uma irmãita loura,  
Que lhe fugira em tarde silenciosa.

E assim, n'essa postura delicada,  
Pregando o seu olhar no firmamento,  
Ella scismava, a vêr-se no momento  
Em que a lua ergue a fronte desbotada,

Podia vêr, no casto azul distante,  
Erguendo a face palpitante e bella,  
Da irmã, já morta, o livido semblante,  
Quando fosse accender alguma estrella.

Junho de 1884.

No principio d'agosto rebentou por toda a cidade uma grande epidemia de bexigas. De manhã até á noite era de ver o desfilar incessante dos pequenos caixões funerarios, levando para a tristeza do cemiterio os corpinhos immoveis das pobres creanças mortas.

O mal ia crescendo cada vez mais.

Fugindo da epidemia, fomos viver para uma aldeia a seis leguas da cidade, uma pequenina aldeia saudavel e muito alegre.

Apenas lá chegámos, soubemos que estava ali uma familia que fôra refugiar-se, tambem, n'aquella doce paz campestre, da terrivel doença que victimára já para cima de duzentas pessoas.

Logo ao terceiro dia travámos relações com essa familia, que se compunha de mãe, uma viuva ainda nova, e de duas creanças louras.

Eu tinha então os meus oito annos mas, apesar d'isso, ainda hoje me lembro, perfeitamente bem, do tempo que passámos.

A nossa casa ficava a meio da encosta. Era uma pequena casa de dois andares, com um jardim á frente e um quintalorio para traz, um grande quintalorio sombreado com arvores de fructo, cheio de ruasinhas tortuosas e tendo, lá ao fim, uma grande nôra, d'onde vinha um grande choro gemedor dos alcatruzes, subindo e descendo, authomaticamente...

Os filhos da viuva, os dois pequenos de quem eu fallei ha pouco, vinham todos os dias brincar commigo e com meus irmãos. O mais velho era o João e tinha cinco annos: a outra, era a Mimi, uma pequenita de cabellos encaracollados e olhos escuros, muito grandes.

Logo depois d'almoço chegavam elles, muito limpos, muito frescos com as suas blusas de riscadinho azul e os seus chapéus de palha. D'ahi até ao jantar era uma brincadeira pegada: corriam pelas azinhagas florentes de madresilva, merendas á beira do rio e a noite a luminosa caçada dos pyrilampos.

Lembro-me d'isto tudo como se tivesse acontecido hontem!

A' noite, quando os lavradores voltavam das ceifas e os pastores regressavam com os seus rebanhos, cantarolando umas cantigas serenas e arrastadas, a essas horas, eu, meus irmãos e os nossos dois vizinhos iamos até á estrada, onde os pyrilampos avoejavam luminosamente como estrellas microscopicas que o bom Deus das esperanças desprendesse do azul.

Surrateiramente, pé ante pé, cada um de nós encarregava-se de agarrar o seu insecto, que era levado para casa dentro d'um lenço atado pelas pontas.

Quando iamos ceiar, o pyrilampe era mettido debaixo d'um copo e ao outro dia—que mysterio!—em vez do pyrilampo encontravamos uma pequenina moeda de cinco réis.

Uma vez fomos todos passar o dia a uma herdade proxima. Havia lá um baptisado, de forma que tivemos um dia de festança.

Mimi, a nossa pequena vizinha, saltaricava alegremente, n'uma alegria doida, extraordinaria. Depois do jantar demos por falta d'ella e, ao cabo de muitas afflicções, de muitos cuidados, fomos encontral-a a dormir ao sol, sobre um molho de feno. Quando a despertámos, a pequerrucha queixou-se de que lhe doia a cabeça.

Por causa d'ella regressámos immediatamente á nossa aldeia. E apenas lá chegámos, a pobre pequena foi mettida na cama, e o medico, que a veio ver, achou-lhe muita febre.

Mimi foi peiorando: a febre typhoide manifestou-se claramente. Entretanto, João, o irmãozinho d'ella, veio para nossa casa, a conselho do medico.

Um dia,—uma sexta-feira, por signal,—vieram participar-nos a morte de Mimi.

O João ouviu a noticia sem a menor impressão e continuou a brincar como se nada tivesse succedido. Mas á noite chegou-se ao pé de minha mãe e perguntou-lhe:

—Para onde vae agora a minha irmã?

—Para o ceu, respondeu-lhe ella...

—E o que faz lá no ceu?

—Eu te digo, Joãozinho: no ceu está ao pé de Nosso Senhor e á noite ha de vir com os outros anjinhos accender as estrellas...

E o pequeno, contente com esta resposta, continuou a folhear um livro de estampas...

\*

No dia seguinte, á tarde, vestiram-me o meu fato preto e mandaram-me para a igreja. Mimi já lá estava, amortalhada, com as mãos no peito, os olhos fechados, muito estendida no caixãozinho branco.

Depois do latim recitado vagorosamente pelo senhor Abbade, eu e mais tres pequeninos conduzimos ao cemiterio o caixão de Mimi.

Era uma tarde de verão pesada e tristonha. Pela primeira vez na minha vida, ao ver aquelle caixão sumir-se n'uma cova estreita e humida, senti o horror, o grande horror da morte.

\*

A' noite, fomos dar com o Joãozinho encostado ao peitoril da janella, olbando attentamente para o ceu.

—Que fazes tu ahí, João?

E' que os anjinhos andam a accender as estrellas e eu quero vêr se descubro lá em cima a minha irmãita...

—E calado e triste, continuou a olhar para o azul, com a esperanza de vêr a irmã no momento em que ella fosse accender alguma estrella...

Janeiro de 1883.

EUGENIO DE CASTRO.

## OS CRIMES ELEGANTES

(Continuado do n.º 2)

VIII

### A doença do conde de Sendim

Antonina fizera o que tinha dito: encostára-se para cima d'um sophá.

Sósinha no quarto, sentindo afastarem-se os passos de Roberto, um pouco mais descansada acerca do estado gravissimo do conde de Sendim, Antonina foi direita ao seu leito, onde dormia a irmã de Roberto, e esteye um momento olhando para aquella gentil creança, adormecida profundamente no mais tranquillo dos sonhos.

Depois, voltou para o seu *toilette* e começou a desapertar-se. O conde estava socegado: Roberto estava de vigilia e promettera vir chamal-a á mais pequena novidade: podia portanto estar socegada.

Antonina estava ainda tal qual como viera de fóra, e mal tivera tempo de tirar o chapéu.

Procurava pôr-se mais á vontade.

Despiu-se, desmanchou o penteado que lhe pesava, que lhe fazia doer a cabeça, e sentando-se n'uma poltrona defronte do seu espelho, começou a arranjar o cabello.

Mas, cansada de espirito, pelas enormes commoções d'essa noite, cheia de fadiga, o somno surpreendeu-a em meio da sua tarefa, e Antonina, recostando a cabeça no espaldar da cadeira, adormeceu, antes de ter acabado a sua *toilette* de noite.



O robe de chambre de peluche branca, que truxera do seu guarda-fato para vestir, para estar prompta a apresentar-se á primeira voz, dormia socegado ao lado do toucador, sobre um sophá.

Foi n'esse momento que Roberto, involuntariamente, procurando afugentar o somno persistente que lhe cerrava as palpebras, parou defronte da janella illuminada do quarto de Antonina, janella de que ella se não lembrára, que não pensára sequer em fechar.

A governante do conde de Sendim dormia descançadamente, n'uma attitude deliciosa de abandono e d'indiscripções.

Os seus longos cabellos dourados cahiam-lhe em desalinho sobre os hombros e os braços nus: pelo decote da sua camisa de rendas, escancarado na posição um pouco contrafeita que o corpo tomara adormecendo, meio deitado sobre a poltrona, surgiam hirtos, brancos e firmes como os peitos d'uma estatua de marmore, os seios formosissimos da amante do conde; a camisa, enroscando-se em pregas caprichosas no seu corpo delicioso de escultura antiga, commettia aqui e ali indiscripções estonteadoras; e Roberto, estatico, com os olhos a faiscarem, esteve muito tempo parado defronte da janella, devorando com o olhar avido esse quadro encantador, dominando a custo a respiração, que o sangue, pulsando-lhe agitado nas veias, tornava accelerada, com medo de ver de repente desaparecer essa fascinante visão de Thebaida.

E entretanto, pelo seu espirito esvoaçavam, como um bando de aves accossadas pelo temporal, as mais disparatadas ideas, as mais extravagantes lembranças.

Chegou a pensar, seriamente, em fazer voar com um murro a vidraça, o unico obstaculo que o separava d'aquella encantadora mulher, e em dizer-lhe ali, com os seus labios arjentes sobre aquellas carnes brancas, macias, palpitantes, tudo o que o seu coração sentia desde o primeiro dia em que a encontrara, e que os seus labios, a medo, tinham começado, na manhã d'esse dia, a dizer-lhe no convento das Chagas de Christo.

Pensou tambem em dar a volta ao jardim, em vir pé ante pé pelo corredor, abrir de mansinho a porta do quarto de Antonina, e sem ser por ella presentido, sem a accordar, vir ajoelhar religiosamente aos pés d'aquella formosa estatua viva, deixando á inspiração de momento a maneira mais doce de a despertar.

Depois, logo immediatamente á concepção d'estes planos, vinha o calculo das suas consequencias.

E esse calculo, essas consequencias aterravam Roberto, colavam-n'o ao seu lugar de simples espectador, faziam-lhe abandonar todos os seus doces projectos: todos os seus dourados planos cahiam por terra em frente do escandalo enorme que a sua realisação provocaria.

E passaram-se assim horas.

Roberto, fascinado, não arredava pé de defronte d'essa encantadora janella. Antonina, profundamente adormecida, continuava immovel na sua posição...

A luz de stearina, que ardia em cima do toucador de Antonina, foi-se consumindo.

Chegou ao fim.

Começou a entornar pelo quarto uma luz bastante tremula; as alvuras radiantes do corpo de Antonina appareciam e desapareciam aos olhos de Roberto como n'uma visão phantastica.

De repente a luz apagou-se de todo.

O quarto ficou immerso em profundas trevas, mas os olhos de Roberto viam ainda distinctamente o corpo de Antonina adormecida; a sua retina conservava como uma machina photographica essa visão adorada.

E então, as trevas que os envolviam a ambos deram-lhe coragem.

Elle, que até ali luctara, se acorbadára diante da idéa do escandalo, não teve mais hesitações.

Tomou uma resolução rapida e aproximou-se da janella.

Foi então que reparou que essa janella podia perfeitamente abrir-se para fóra.

Abriu-a, e n'um salto dextro e rapido achou-se dentro do quarto.

Tinha muito presente nos seus olhos extasiados aquella formosa mulher adormecida, para se enganar no sitio onde ella estava.

Com passo certo e agil, caminhou no meio da escuridão até á cadeira onde dormia a governante do conde.

E os seus braços enlaçaram-n'a frementes e nervosos, os seus labios anciosos e ardentes colaram-se aos seus labios entreabertos...

Antonina acordára sobresaltada.

Quiz gritar, mas os beijos doidos de Roberto abafavam-lhe, asphixiavam-lhe nos labios todos os seus gritos.

Quiz fugir, mas os braços de Roberto amarravam-n'a, prendiam-n'a junto a elle.

Entre os dois houve então um momento de lucta, d'um lucta estranha, em que as imprecações tinham como resposta beijos.

—Deixe-me, deixe-me, é uma infamia isto! dizia a voz de Antonina.

—Adoro-te! Adoro-te! respondia Roberto por entre beijos loucos...

De repente ouviu-se uma voz gritar afflictivamente no quarto proximo.

—Olhe! chamam, é seu pae! dizia Antonina.

—Não, não, ninguém chama, tornava Roberto, desvairado, doido...

E os gritos continuavam terriveis, sem que ninguém lhes respondesse, sem que ninguém n'elles attentasse.

Por fim ouviu-se o ruido secco, enorme, d'um corpo cahindo desamparadamente no chão.

Então Roberto, aterrado, largou Antonina.

—Foi seu pae! disse ella, apavorada.

E os dois, procurando a porta do quarto, no meio das trevas, dirigiram-se para o corredor...

Entraram no quarto do conde, pallidos, desfeitos, com o facto todo desmanchado, as feições transtornadas pelas mil commoções diversas e selvagens que tinham, durante esses longos minutos, abalado todo o seu ser. Antonina e Roberto olharam para o leito de enfermo.

Estava vazio.

O conde de Sendim jazia no chão, inerte, immovel no meio d'um lago de sangue, do sangue que sahia a jorros d'uma ferida enorme que se cahir fizera na cabeça.

—Morto! Morto! gritou Antonina, lançando-se sobre o corpo do conde, deitando-se no chão ao seu lado...

Roberto, muito pallido, ajoelhou ao pé do corpo de seu pae, murmurando:

—E fomos nós! Fui eu!... Fui eu!

(Continúa)

GERVASIO LOBATO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

O NOVO PRINCIPE DA BULGARIA

O principe que acaba de ser nomeado pela Sobranié de Tirnova, soberano da Bulgaria, chama-se Fernando Maximiliano Carlos Leopoldo Maria de Coburgo, duque de Saxe, e nasceu a 26 de fevereiro de 1861, em Vienna.

Por sua mãe, a princeza Maria Clementina, filha do rei Luiz Philippe, está aparentado com os Orléans, e por seu pae, com os Coburgo. E' sobrinho da rainha de Inglaterra, primo de el-rei, o sr. D. Luiz, de Portugal, e primo em segundo grau do rei dos Belgas.

O principe Fernando é muitissimo intelligente e dotado de uma grande actividade de espirito. Falla o italiano, o francez, o inglez, o hungaro e o allemão, e tem percorrido toda a Europa em viagens de instrucção e recreio. Apprendeu no exercito austriaco a profissão das armas, servindo um anno n'um regimento de hussards e depois n'um corpo de caçadores a pé.

Segundo se affirma, já todas as potencias, á excepção da Russia e da França, reconheceram a eleição do principe Fernando de Coburgo para soberano da Bulgaria, devendo este partir para Tirnova dentro de poucos dias.

Deus lhe dé melhor sorte que a que teve o principe Alexandre de Battenberg, seu antecessor no throno da Bulgaria.

O GENERAL BOULANGER

Foi o ministro da guerra de França no ultimo gabinete substituido pelo actual ministerio Rouvier, é hoje commandante do 13.º corpo de exercito em Clermont-Ferrand, e está sendo o homem do dia em Paris, depois da ultima manifestação de que ali foi alvo, na gare de Lyon, e do seu tão fallado duello com Julio Ferry, por causa do discurso politico que este proferio em Epinal.

O general Boulanger, enquanto ministro, explorou muito o sentimento nacional de *revanche* contra a Allemanha, e isso deu-lhe uma grande popularidade, chegando a affirmar-se que elle seria o futuro dictador e substituiria Grévy na presidencia da Republica.

Hoje, porém, o seu prestigio eclipsou-se bastante. Boulanger abusou muito da *réclame* e ha de ser morto por ella.

A grotesca manifestação da gare de Lyon, na sua partida para Clermont-Ferrand, longe de lhe fazer bem, fez-lhe mal e atirou-o das alturas a que se elevára para o terreno onde pullulam os aventureiros vulgares.

O ex-ministro da guerra francez não soube esperar, e soube ainda menos tirar partido da popularidade que adquirira. D'ahi, a sua queda, o aniquilamento quasi completo do seu prestigio, que chegou a ser grande.



MODAS

## IRMÃ DA CARIDADE

Eis aqui a personificação sublime da virtude christã,—o exemplo vivo da abnegação e do sacrificio.

E' a irmã da caridade, a desinteressada enfermeira dos moribundos, o anjo da guarda de todos os leitos, a mãe dedicada de todos os orphãos, o Cyrineu de todos os martyres, a taboa da salvação de todos os naufragos do mundo, n'uma palavra, a mulher que se divinisa pela caridade evangelica, e que se humanisa pelo soffrimento voluntario.

## MODAS

Descreveremos hoje dois lindissimos costumes, que por certo agradarão immensamente ás nessas leitoras.

1.º—«Toilette de passeio» em cachemire bege. Primeira saia lisa, franzida na cintura, coberta com uma longa «draperie» formando panno de saia, e apanhada ao lado para formar puff atraz. Corpete, cortado em vuez, formando «corselet», abotoado ao lado em ponta. O corpete abre sobre uma camisinha armada em fofa. Mangas largas, feitió jockey. As duas saias, a golla e as mangas são guarnecidas de galão russo.

Faz-se este vestido com 12 metros de cachemira.

Completa a toilette um chapéo de palha fechado, sem «bri-des», com a aba forrada de velludo e enfeitado com um penacho.

2.º—«Toilette de recepção» em cachemira lontra. Duas saias, formando a segunda um puff atraz. A primeira saia abre a um lado sobre uma quilha de cachemira branca, bordada com espigas de trigo e folhagens. O corpo, á virgem, é enfeitado na frente com uma «draperie» voltada e forrada de cachemira branca. Guarnece a toilette um cinto côr de rosa, além de um galão de contas, que enfeita a gola.

Faz-se este «costume» com 10 metros de cachemira lontra, larga, e 1 metro de cachemira branca.

## FOLGUEDOS DA INFANCIA

Tudo ali é alegre.

O filho mais velho, e o mais endiabrado de todos, embrulha-se n'um largo chalé e, cobrindo a cabeça com um velho chapéo, apparece á mãe e aos irmãosinhos, procurando assustal-os.

Os pequenitos estremecem, a mãe finge ter medo, e a creancinha larga o disfarçe correndo aos braços d'aquella que lhe deu o ser, e rindo perdidamente do susto que pregou a todos.

## Reminiscencias historicas

## OS REINADOS MAIS LONGOS NA EUROPA

A proposito da celebração do jubileu da rainha Victoria de Inglaterra, trataram muitos jornalistas e escriptores, tanto nacionaes como estrangeiros, de investigar quaes fóram os reinados em que se celebraram festas como as recentemente realisadas em Londres, e quaes os de mais larga duração na Europa.

Entre os povos que maior numero d'aquelles anniversarios teem podido celebrar, conta-se precisamente o povo britannico. Segundo nos diz a historia, os inglezes celebraram o 50.º anniversario da proclamação de Henrique III, que reinou desde 1216 até 1272 (56 annos), o de Eduardo III, que occupou o throno desde 1327 até 1377, e o de Jorge III, cujo reinado se prolongou de 1760 a 1820, se bem que, durante a maior parte d'esse largo periodo, o monarcha estivesse privado do uzo da razão.

Não escassearam na monarchia franceza os largos reinados. Todavia, só em dois d'elles, nos de Luiz XIV e Luiz XV, se poderiam ter celebrado festas analogas ás que vem de realisar a monarchia ingleza. Houve reinados, como o de Carlos Magno, de 768 a 814, o de Philippe I de 1180 a 1223, o de S. Luiz, de 1226 a 1270, e o de Carlos VI, de 1380 a 1422, que passaram muito dos 40 annos; mas aos 50 só chegaram os dois que acima citámos. Em compensação, o reinado de Luiz XIV, de 1643 a 1715 (72 annos) é o mais dilatado que registram os reinos da Europa, sendo preciso ir buscar nos tempos barbaros da Russia um duque de Moscou, Sviatoslao III, o qual ragueo o seu povo por mais tempo, des-

de 1247 até 1323. Os outros nem egualaram nem se aproximaram sequer do tal duque moscovita. O proprio Luiz XV só reinou 59 annos.

A Russia, da qual acabamos de fallar, á parte o citado duque Sviatoslao, só teve um soberano, o primeiro que tomou o titulo de Czar, Ivan IV, o *Terrivel*, que poderia celebrar o 50.º anniversario do seu advento ao throno, por isso que reinou desde 1533 até 1584. A Russia é das monarchias que menor numero de longos reinados registram. Entre os dois ou tres que passam dos quarenta annos, conta-se o de Pedro, o *Grande*, desde 1682 a 1725.

A Prussia não conta nos seus annaes nenhum reinado de meio seculo, embora contemos desde os margraves de Brandeburgo Alguns, muito poucos, passam de 40. Taes são o de Frederico Guilherme, o *Grande Eleitor*, desde 1640 até 1688, o de Frederico II, o *Grande*, desde 1740 até 1786, e o de Frederico Guilherme III, de 1797 a 1840.

A Suecia tambem não conta nenhum, a não ser que nos remontemos aos tempos quasi mythicos d'esse paiz, e demos como valido o reinado de Edmundo Bjora, desde 829 até 885. Fóra d'esse duvidoso reinado, o mais largo é o de Gustavo Wasa, e só alcança 40 annos (1520 a 1560).

A Dinamarca registra um, o de Christiano IV, desde 1588 até 1648.

Reunindo a historia do antigo imperio da Allemanha á do actual imperio austriaco, só o reinado do bisavô de Carlos V, Frederico III, que occupou o throno imperial no periodo de 1440 a 1493, attingiu 50 annos de duração. Alguns, como Henrique IV de França, desde 1056 até 1105, e Leopoldo I de Hapsburgo, de 1658 a 1705, estiveram quasi a alcançal-o, pois são varios os imperadores que contaram mais de 40 annos de dominio. O actual imperador Francisco José conta já cerca d'esse numero d'annos de reinado, por isso que subiu ao throno em 2 de dezembro de 1848.

A casa de Saboya offerece tambem numerosos exemplos de principes que reinaram por largo tempo. Alguns, mais de 40 annos, como Amadeu V (1283—1323), Luiz II (1302—1350) e Amadeu VI (1343—1383). Mas o que viveu mais tempo depois de empunhar as redeas do governo, foi o famoso Amadeu VIII, que, e' oito Papa com o nome de Felix V e declarado anti-Papa pelo concilio de Basilea, governou a Saboya desde 1391 até 1451 (60 annos.)

O nosso Portugal é dos paizes que offerecem mais largos reinados. Ha muitos, como o de D. João V, (1706-1750) que passaram dos 40 annos, mas nenhum attingiu os 50.

Por ultimo, em Hespanha, desde a união das corôas, não se registra um unico reinado de 50 annos. Houve-os muito longos, como o de Carlos V (1516-1556), o de seu filho Philippe II, (1556-1598),—o mais longo dos da Austria,—o de Philippe IV (1621-1666), e o mais largo dos Borbons, o de Philippe V (1700-1746), mas nenhum alcançou meio seculo.

Para registrar reinados que tenham attingido aquelle periodo de duração, temos de acudir ás chronicas da corôa de Castella ou da monarchia aragoneza.

Na primeira só encontramos um, o de Affonso VIII, o das Navas, desde 1158 até 1214 (56 annos), seguindo-se-lhe, sem comtudo alcançar o meio seculo, D. João II (1406-1454). Na segunda registram-se dois: o reinado de D. Jayme I (1213-1276), 63 annos, e o de D. Pedro IV (1336-1387) 51 annos.

Resulta pois que em todos os grandes Estados monarchicos europeus, e até em alguns dos secundarios, não passaram de 45 os reinados que attingiram duração superior a 50 annos.

CASTOR.

## UM CONSELHO POR SEMANA

## BANHO A VAPOR

Toma-se um bocado de cal viva, do tamanho d'um ovo, esfrega-se com ella um panno humedecido com agua e envolve-se

este panno em outros, que estejam seccos. Com dois d'estes preparados desenvolve-se um abundante calor e estabelece-se immediatamente uma transpiração abundante.

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charada em verso

(Ao infantigavel charadista lisbonense, Matheus Junior)

Qual monge no seu mosteiro  
Constantemente encerrado,  
Tambem eu, prisioneiro,  
Assim vivo encarcerado.—2.

E n'esta prisão mettido,  
Qual *carneiro* no aprisco,  
Vivo sempre aborrecido,  
Da morte correndo o riscol—1.

E, pr'a abrandar minhas maguas  
Causadas por dissabores,  
Passo o tempo a vêr nas aguas,  
Uns mouros conquistadores.

Vizeu.

PEQUENO ANTONINHO.

Charada conimbricense

Vai primeira horisontal  
No melhor do seu prazer,  
A gritar:—E spera ahi,  
Que tenho que te dizer!

A segunda horisontal  
Assim que isto escutou,  
Começou-me a gaguejar  
E n'um instante parcou.

Disse depois:—Que me queres,  
Minha prima vertical?  
—Desejo dar-te uma pinga,  
Se m'o não levas a mal!...

—Depois jogaremos cartas;  
Mas inda falta um parceiro.  
Diz segunda vertical:  
—Precisas um companheiro?

—Sim. Preciso. Ora vem cá,  
Dentro d'esta embarcação!  
—E' da prima diagonal,  
Está a guardal-a o irmão.

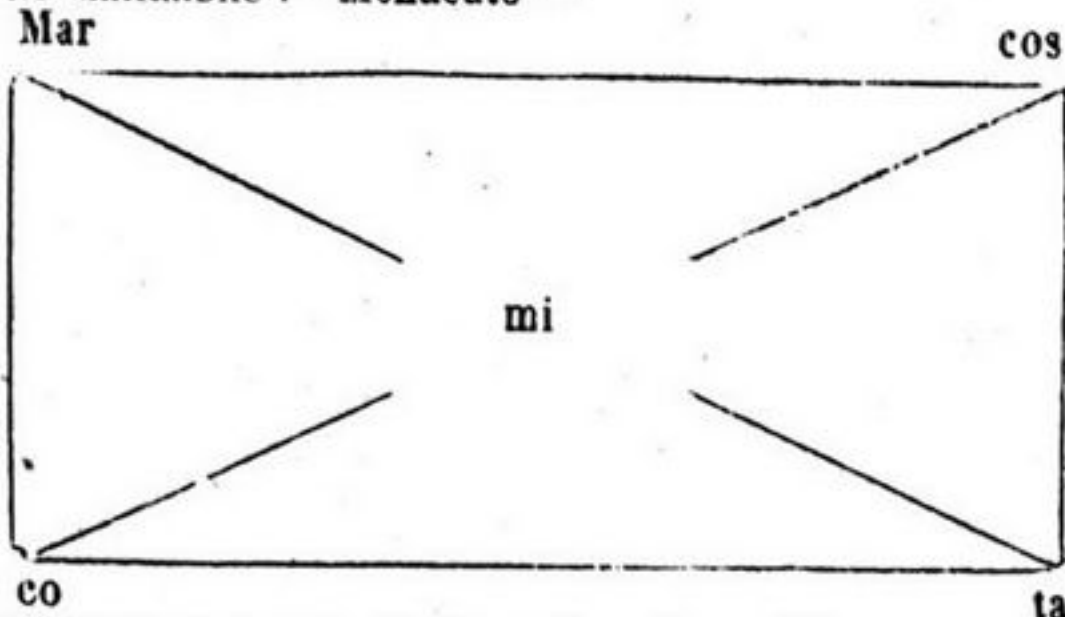
Mas, eis que estão descuidados  
E outra diagonal saltou;  
Trouxe um sapato na mão  
E bateu por onde achou.

Covilhã.

ANTONIO R. BRANCAL.

Decifrações

DAS CHARADAS:—Monacato—



DOS LOGOGRIFOS:—Jenipapeiro—Leopoldina.

## A RIR

Ernestina, uma pequenita de 5 annos, jantou tão bem que, no meio da sobremeza, parou e não pôde comer mais; em compensação, olhava as sobremezas com grande sollreguidão.

—Porquê não comes mais, Ernestina? perguntou-lhe a mãe.

—Não posso, mamã; já não tenho fome senão nos olhos.

## O LUNCH

Voltava a Annica da escola, regularmente ao entardecer. A escola regia ficava na villa, mas ella não tinha medo, conhecia bem o caminho, costumada a passar por elle muitas vezes, quando a mãe ou o pae estavam doentes e era necessario, n'um repente, ir buscar algum remedio á botica.

Elles eram tão pobres! O pae, um honrado tamanqueiro, a mãe uma boa tecedeira. Mas os tamancos duravam um tempo infinito nos pés dos labregos que, de resto, ainda os poupavam, usando-os só no inverno.

Emquanto ás obras primas que saíam do tear da tia Francisca, só as apreciava alguma morgada velha e beata, da epoca miguelista. As modernas gerações iam atraz dos tecidos baratos, produzidos pelas machinas e barateados pela espantosa produção do algodão americano.

E' verdade que as urdiduras modernas de lã traziam o peccado original do algodão misturado, com uma *sans-çacon* verdadeiramente britannica; mas o povo, que nunca foi refractario ao progresso, quando elle favorece os seus interesses immediatos, principiou a achar que os ligeiros cobertores d'algodão estrangeiros tambem agasalhavam do frio, e... por metade do preço.

Feita esta descoberta, horrivel para a tia Francisca, vio ella diminuir espantosamente o movimento no seu tear e resignou-se a ser uma d'essas mil victimas obscuras do progresso, mercê da assombrosa ignorancia profissional dos nossos camponios.

Não podendo, pois, legar a sua filha unica uma industria viavel, com esse instincto prodigioso de mãe, adivinhou que no seculo actual, a lucta pela existencia será mais facil aos que tiverem mais conhecimentos adquiridos, e resolveu enviar a luz dos seus olhos, o seu amor, a sua Annica, emfim, á escola da villa, de que lhe contavam maravilhas.

Na aldeia tambem havia uma escola, mas era de homens. Só na villa é que havia uma para cada sexo, e diga-se a verdade, muito bem montadas.

A Annica ia quasi sempre na companhia de algumas condiscipulas da aldeia. A's vezes, succedia ir e vir sósinha, porque as outras, que tinham verdadeiras colonias d'irmãos, tios e tias, primos e primas, não contando os avós, faltavam muitas vezes, por incidentes domesticos, doenças, festas, e tambem, diga-se a verdade toda—porque as mães, para cuidarem de tanta familia, não tinham ordinariamente a roupa ponteada, lavada ou corrida a ferro para os pequenos.

Não ha estudantes que façam mais gazetas, do que os das escolas ruraes. Costumados a andar nos campos, quasi nus e cheios de terra, procurando grillos, trepando ás arvores á cata de ninhos e correndo atraz dos bois, os rapazes teem horror aos fatos limpos, ás camisas lavadas, aos punhos justos e aos colarinhos apertados. Em calçado, é inutil fallar. E' com um mysterioso terror que elles contemplam esses instrumentos de tortura, donominados—botins.

Por isso os pés frescos predominam nas escolas. E quando os professores não são sufficientemente praticos, para fechar os olhos a essa invasão democratica... o resultado é leccionarem ás paredes.

Ora, em casa da tia Francisca, reinava a melhor ordem. Nem havia rapazes, nem muito que fazer, nem doenças. A vida em extremo frugal, que todos levavam, salvava-os de mil e uma complicações abdominaes e gastricas, que são na generalidade as doenças campestinas, principalmente de verão, pelas colheitas, romarias, etc.

Assim, a Annica, graças ao pé tranquillo do lar paterno, era um modelo de pontualidade na escola, o que lhe tinha valido uma grande consideração da parte da professora e das suas condiscipulas e um aproveitamento surprehendente.

A Annica, era uma menina de dez annos, robusta e morena, d'olhos pretos profundos, d'estes que descem até ao fundo d'al t.a. O habito do isolamento no seu pequenino quarto de cama e de estudo, a vida pacata da sua familia, trouxera-lhe o habito d'observação que se torna impossivel no meio ruidoso de familias mumorosas, onde todos berram e ninguém se entende, onde todos mandam e ninguém obedece a não ser impellido pelas pancadas, que estabelecem o direito da força, bestificando o espirito, apagando a dignidade individual e provocando rixas sangrentas d'onde saem os dramas do fatricidio ou do parricidio.

Costumava a Annica levar o seu lunch para a aula, por lhe ser impossivel vir a casa jantar. Andava tambem n'uma das escolas da villa, um rapazito da aldeia, da mesma idade da pequena, tambem unico filho de paes tão pobres como os d'ella, mas, ao contrario dos seus, muito desarranjados. Viviam perfeitamente na miseria, mas sem fome, porque no campo nunca nenhum campones a sentiu. Ha sempre em casa do visinho um litro de milho, que se pede emprestado e se moe no pequeno moinho de pedra, caseiro.

A's vezes encontrava-se o pequeno com ella, no caminho, e voltavam ao lado um do outro, como dois irmãosinhos. Foram-se afeiçoando. Um dia, na ida para a escola, a Annica estava muito

contente, porque a mãe trouxera da cidade, de uma casa rica onde fôra, umas fatias de fiambre que a dona da casa lhe dera, dizendo:

—São para o lunch da sua pequenita.

E a Annica mostrava com orgulho, aos olhos avidos do rapaz, a enorme fatia de fiambre.

De repente, notando o ar triste do pequeno companheiro, perguntou-lhe:

—Queres um boccadinho?

O rapaz não disse que sim, nem que não.

Então, a Annica partiu ao meio, com todo o escrupulo, como o faria um padre no altar, á hostia, a sua rubra fatia de fiambre, e voltando-se para o Jacintho, disse:

—Deixa lá ver o teu pão, para metter este boccadinho de fiambre.

—Eu não levo lunch; respondeu o pequeno n'esse tom receioso, que denota embaraço nas creanças.

A Annica deu um passo á retaguarda, cheia de duvida.

—Então, comes na villa, em alguma parte; disse ella.

D'esta vez, respondeu elle com firmeza, porque se tratava de

—Que é?

—De hoje em diante, hasde esperar-me na cruz das Quatro Canadas, a acceitar metade do meu lunch.

O Jacintho estacou, pallido e enfiado, como se lhe tivessem batido com uma pedra em cheio no peito.

A Annica fitava-o com ternura cheia de bondade. Desperta-se-lhe o instinto de piedade, que é apanagio da mulher. Quanto ao seu companheiro, travava-se evidentemente no coração d'aquella creança, já meio homem, um combate entre o orgulho innato no homem e a candura infantil. Venceu, porém, a candura. Os seus olhos inundaram-se, abriu os pequenos braços para a Annica e apertou-a estreitamente contra o coração. Soluçava. Tinha encontrado uma irmã.

A Annica sentiu uma commoção estranha, nova, inexplicavel: a commoção que sente uma creatura joven quando encontra, pela primeira vez, um ente da sua feição e da sua idade, com o qual se identifica por meio de um rasgo nobre. Estas amizades são as que ficam para sempre, quando se dão entre pessoas de igual sexo; e que se transformam em amor profundo quando se accendem entre um mancebo e uma virgem.



FOLGUEDOS DA INFANCIA

negar um facto de que o accusavam e contra o qual protestava a sua barriga:

—Eu não como nada!

A Annica, desconfiada, insistiu.

—Essa é boa! Então é lá possível que pesses o dia todo sem comer?

O Jacintho acenou com a cabeça: que sim. E accrescentou, um pouco triste:

—Pois é que passo!

—Tu mentes! bradou a Annica, cravando o seu olhar profundo no rosto do seu companheiro.

O Jacintho vibrou todo, como se fosse cortado por uma chicotada, e exclamou, cheio de colera, fuzilando-lhe os olhos:

—Eu seja enforcado! Eu morra aqui de repente! Um raio me parta, se eu levei, algum dia, lunch para a escola!

—Menino! E' feio praguejar! reprehendeu severamente a Annica.

—E' que, quando me fazem azoar...

—Bem. Está tudo acabado. Eu acredito na tua palavra. Mas se queres mostrar que és muito meu amigo, hasde fazer um favor. Sim?

O Jacintho, já manso e influenciado pela harmonia seductora d'aquella voz infantil, olhou para a pequena, semi-sorrindo.

Tendo-se revelado, uma para a outra, aquellas duas existencias, escusado será dizer que foram n'um crescendo de mutua afeição. Crescerem, saírem da escola e amarem-se, não foi obra de um momento, como costumam dizer os compendios do amor, mas foi obra de alguns annos.

A Annica, fez-se uma mulher prendada e obteve a carta de professora regia para a escola da sua aldeia, escola que foi creada de proposito para ella.

O Jacintho, que não peccava por tolo; fez-se galopim eleitoral, e conseguiu a transferencia do professor da aldeia, sendo-lhe dado o logar a elle, investido em *magister*.

Hoje, elle e a esposa, a formosa Annica, são uma potencia eleitoral e escolar, que rivalisa com a poderosa junta de parochia. A sua popularidade tornou-se enorme, desde o dia em que estabeleceram o costume de offerecer o lunch aos discipulos que o não teem. E dizem, quando o offerecem aos mais pobresinhos:

—Quem sabe? O futuro de uma creatura depende ás vezes de uma fatia de presunto.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica